

PROCESSO SELETIVO 2014

02/12/2013

INSTRUÇÕES

1. Confira, abaixo, o seu número de inscrição, turma e nome. Assine no local indicado.
2. Aguarde autorização para abrir o caderno de prova. Antes de iniciar a resolução das questões, confira a numeração de todas as páginas.
3. A prova desta fase é composta de 10 questões discursivas de Filosofia.
4. As questões deverão ser resolvidas no caderno de prova e transcritas na folha de versão definitiva, que será distribuída pelo aplicador de prova no momento oportuno.
5. A interpretação das questões é parte do processo de avaliação, não sendo permitidas perguntas aos aplicadores de prova.
6. Ao receber a folha de versão definitiva, examine-a e verifique se o nome impresso nela corresponde ao seu. Caso haja qualquer irregularidade, comunique-a imediatamente ao aplicador de prova.
7. As respostas das questões devem ser transcritas **NA ÍNTEGRA** na folha de versão definitiva, com caneta preta.

Serão consideradas para correção apenas as respostas que constem na folha de versão definitiva.

8. Não serão permitidas consultas, empréstimos e comunicação entre os candidatos, tampouco o uso de livros, apontamentos e equipamentos eletrônicos ou não, inclusive relógio. O não cumprimento dessas exigências implicará a eliminação do candidato.
9. Não será permitido ao candidato manter em seu poder relógios e aparelhos eletrônicos (BIP, telefone celular, *tablet*, calculadora, agenda eletrônica, MP3 etc.), devendo ser desligados e colocados OBRIGATORIAMENTE no saco plástico. Caso essa exigência seja descumprida, o candidato será excluído do concurso.
10. O tempo de resolução das questões, incluindo o tempo para a transcrição na folha de versão definitiva, é de 2 horas e 30 minutos.
11. Ao concluir a prova, permaneça em seu lugar e comunique ao aplicador de prova. Aguarde autorização para entregar o caderno de prova, a folha de versão definitiva e a ficha de identificação.

Conhecimentos Específicos

FILOSOFIA

DURAÇÃO DESTA PROVA: 2 horas e 30 minutos

NÚMERO DE INSCRIÇÃO

TURMA

NOME DO CANDIDATO

ASSINATURA DO CANDIDATO

CÓDIGO

O texto a seguir é referência para a questão 01.

“Se, como dissemos, as atividades de uma pessoa são um fator determinante na vida, nenhuma pessoa supinamente feliz poderá jamais tornar-se desgraçada; ela nunca praticará ações odiosas ou ignóbeis, pois sustentamos que as pessoas realmente boas e sábias suportarão dignamente todos os tipos de vicissitudes, e sempre agirão da maneira mais nobilitante possível diante das circunstâncias; da mesma forma que um bom general usa do modo mais eficiente possível os contingentes disponíveis, um bom sapateiro faz o sapato mais requintado possível do couro que lhe dão, e o mesmo acontece com todos os artesãos. Sendo assim, o homem feliz nunca poderá tornar-se desgraçado, embora nunca possa vir a ser feliz o homem que enfrentar os infortúnios de um Príamo.” (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, I, 9)

01 - De que modo a analogia acima com o sapateiro pode servir para esclarecer a tese aristotélica de que “a felicidade é uma atividade da alma”?

O texto a seguir é base para as questões 02 e 03.

“Sendo a felicidade, então, uma certa atividade da alma conforme à excelência perfeita, é necessário examinar a natureza da excelência. Isto provavelmente nos ajudará em nossa investigação a respeito da felicidade. (...) É evidente que a excelência a examinar é a excelência humana, pois o bem e a felicidade que estamos procurando são o bem humano e a felicidade humana. A excelência humana significa, dizemos nós, a excelência não do corpo, mas da alma, e também dizemos que a felicidade é uma atividade da alma.” (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, I, 13)

02 - Na passagem acima, Aristóteles fala da relação entre felicidade e excelência (ou virtude). Ele reafirma que a relação entre ambas é uma relação de conformidade. Mas essa conformidade não deve ser compreendida como uma relação de subordinação, pois, sendo a felicidade o bem supremo, ela não deve estar subordinada a nenhum outro bem ou finalidade. De que modo, então, deve-se compreender a relação de conformidade entre a felicidade e a excelência proposta por Aristóteles?

Responda a questão 03 a seguir também com base no seguinte texto:

Segundo Inara Zanuzzi, professora de história da filosofia antiga na UFRGS, Aristóteles analisa no capítulo 6 da *Ética a Nicômaco*, I, “a opinião de Platão, um filósofo com quem Aristóteles havia estudado como discípulo. Platão acreditava que o bem supremo fosse uma Ideia, uma noção abstrata de bem que seria a mesma para todos os seres existentes no mundo. De fato, poderíamos saber que aquele era o verdadeiro bem porque ele era o mesmo para todos os seres. Aristóteles, no entanto, não acredita que essa seja uma boa resposta. Com efeito, uma tal noção abstrata e universal não é algo que podemos obter, que podemos concretizar na nossa vida (visto que é algo que deve ser concretizado pelo universo todo). Portanto, uma tal noção de bem não pode ser um fim para o homem. O fim humano deve ser algo que ele pode realizar, algo que é factível para ele.” (“Obra: *Ética a Nicômaco* – Livro I”, in SESC-Fecomércio-PR, *Banho de Lama Filosofia*. Curitiba: Sesc Paço da Liberdade, 2012, p. 47 (Cadernos do Paço, 5).)

03 - Levando em consideração esses comentários da professora Inara Zanuzzi, como deveríamos compreender o uso das expressões “excelência perfeita” e “excelência humana” na passagem da *Ética a Nicômaco* citada acima?

O texto abaixo é referência para a questão 04.

“Agora, pois, que meu espírito está livre de todos os cuidados, e que consegui um repouso assegurado numa pacífica solidão, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade em destruir em geral todas as minhas antigas opiniões. Ora, não será necessário, para alcançar esse desígnio, provar que todas elas são falsas, o que talvez nunca levasse a cabo; mas, uma vez que a razão já me persuade de que devo menos cuidadosamente impedir-me de dar crédito às coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis, do que às que nos parecem manifestamente ser falsas, o menor motivo de dúvida, que eu nelas encontrar bastará para me levar a rejeitar todas.” (Descartes, “Primeira meditação”, §2)

04 - Em que sentido a dúvida adotada por Descartes não se confunde com a dúvida vulgar?

O seguinte texto serve de base para responder as questões 05 e 06.

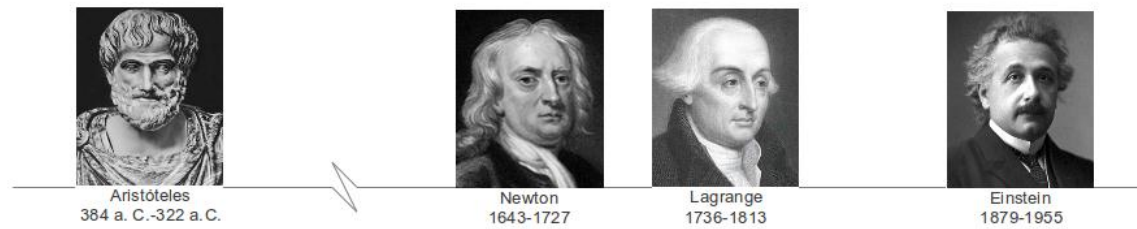
“(…) Ora, sei já certamente que eu sou, e que, ao mesmo tempo, pode ocorrer que todas essas imagens e, em geral, todas as coisas que se relacionam à natureza do corpo sejam apenas sonhos ou quimeras. Em seguimento disso, vejo claramente que teria tão pouca razão ao dizer: excitarei minha imaginação para conhecer mais distintamente o que sou, como se dissesse: estou atualmente acordado e percebo algo de real e de verdadeiro; mas, visto que não o percebo ainda assaz nitidamente, dormiria intencionalmente a fim de que meus sonhos me representassem com maior verdade e evidência. E assim, reconheço certamente que nada, de tudo o que posso compreender por meio da imaginação, pertence a este conhecimento que tenho de mim mesmo e que é necessário lembrar e desviar o espírito dessa maneira de conhecer, a fim de que ele próprio possa reconhecer, muito distintamente sua natureza.” (Descartes, “Segunda Meditação”, § 8)

05 - Por que a natureza disso que Descartes diz conhecer – “este conhecimento que tenho de mim mesmo” – é totalmente distinta da natureza do corpo?

06 - Por que Descartes não recomenda o recurso à imaginação “para conhecer mais distintamente o que sou”?

Responda as questões 07 e 08 com base no seguinte texto:

“Ao aceitar um paradigma, a comunidade científica adere toda ela, conscientemente ou não, à atitude de considerar que todos os problemas resolvidos, o foram de fato, de uma vez para sempre. Tal é o que Lagrange tinha em vista quando dizia de Newton: ‘Não há senão um Universo e não pode haver senão um homem na história universal para interpretar as suas leis’. Os exemplos, quer de Aristóteles, quer de Einstein, provam que Lagrange estava errado, mas tal não altera a importância que teve a sua convicção para o desenvolvimento da ciência. Acreditando que o que Newton fizera não precisava ser refeito, Lagrange não se deixava atrair por novas reinterpretações fundamentais da natureza. Pelo contrário, ele poderia começar onde os homens que partilhavam o mesmo paradigma newtoniano tinham ficado, esforçando-se uns e outros por chegar a uma formulação mais clara do paradigma e a uma estruturação que o aproximasse cada vez mais das observações da natureza. Esse tipo de trabalho só pode ser feito por pessoas que sentem que o modelo que usam é inteiramente seguro. Não há nada que se assemelhe nas artes, e os paralelos nas ciências sociais são no melhor dos casos parciais. Os paradigmas determinam todo um esquema de desenvolvimento para as ciências maduras que não se assemelha ao esquema usual noutros domínios.” (Kuhn, “A Função do Dogma na Investigação Científica”, p. 30).



07 - Observe que, de acordo com a linha do tempo acima, o paradigma inaugurado por Aristóteles precedeu ao paradigma de Newton, que por sua vez foi superado e substituído pelo paradigma iniciado por Einstein. O texto anterior não sugere que Lagrange tenha iniciado o seu próprio paradigma. Ao contrário, diz claramente que ele adotou um dos três paradigmas acima mencionados. Qual deles ele adotou e quais as vantagens que esse tipo de atitude – aceitar um paradigma já existente, não propor um novo – proporciona aos cientistas?

08 - As ideias de Lagrange acima transcritas são exemplos da atitude que Kuhn chama de “o dogmatismo das ciências maduras”? Por quê?

O texto abaixo é referência para as questões 09 e 10.

“Embora o cientista não se esforce normalmente por inventar novos tipos de teorias fundamentais, tais teorias com frequência têm surgido da prática continuada da investigação. Mas nenhuma inovação desse gênero apareceria se a atividade a que chamei de ciência normal tivesse sempre êxito. De fato com muita frequência o indivíduo envolvido na solução de quebra-cabeças oferece resistência às novidades que se apresentam, e o faz por razões muito aceitáveis. Para ele trata-se de alterar as regras do jogo e qualquer alteração de regras é intrinsecamente subversiva. Esse elemento subversivo torna-se, claro está, mais aparente em inovações teóricas de grande importância como as associadas aos nomes de Copérnico, Lavoisier ou Einstein. Mas a descoberta de um fenômeno não antevisto pode ter o mesmo efeito destrutivo, embora geralmente em um grupo mais reduzido e por um período de tempo mais curto. (...) O que se segue é que, se a atividade normal de solucionar quebra-cabeças tivesse sempre êxito, o desenvolvimento da ciência não poderia conduzir a qualquer tipo de inovação fundamental”. (Kuhn, “A Função do Dogma na Investigação Científica”, p. 51)

09 - De que modo inovações teóricas tais como as promovidas por Copérnico, Lavoisier ou Einstein podem, segundo Kuhn, contrariar o desenvolvimento normal da ciência?

10 - A filosofia da ciência de Kuhn contesta ou confirma a concepção segundo a qual a ciência é “uma atividade cujos praticantes são pessoas de espírito especialmente aberto”? Por quê?
